



<http://climacom.mudancasclimaticas.net.br/arteficiências/>

Arteficiências e cocriações a partir de uma perspectiva dietética intensiva

Alessandro Gonçalves Campolina [1]

RESUMO: A vida enquanto dietética intensiva é uma problemática que pode ser traçada, a partir de conceitos que percorrem dimensões físicas, afetivas e culturais da experiência vivida. Entrecruzando processos de desconstrução orgânica e práticas de seletividade alimentar, a noção de dietética intensiva permite explorar os pressupostos ecossistêmicos da cosmologia processual de Alfred North Whitehead, em interseção com a arte política Huni Kuin e a estética relacional de Ernesto Neto. Arte, filosofia e ciência, em suas interpenetrações, constituem um modo de dar forma a ontologias digestórias específicas, que reivindicam uma geometria de processos e relações que se conjugam em uma natureza germinal.

PALAVRAS-CHAVE: Whitehead. Xamanismo. Dietética.

Artificiencies and co-creation from an intensive dietary perspective

ABSTRACT: Life as an intensive dietary is a problem that can be traced, based on concepts that cover physical, affective and cultural dimensions of the lived experience. Crossing organic deconstruction processes and practices of food selectivity, the notion of intensive dietetics allows exploring the ecosystemic assumptions of Alfred North Whitehead's process cosmology, in intersection with the political art of Huni Kuin people and the relational aesthetics of Ernesto Neto. Art, philosophy and science, in their interpenetrations, constitute a way of shaping specific digestive ontologies, which claim a geometry of processes and relationships that come together in a germinal nature.

KEY WORDS: Whitehead. Shamanism. Dietetics.

Coexistências

As práticas dietéticas podem ser entendidas como processos que conjugam hibridações ético-estéticas em processos de subjetivação dos estilos do querer (Ponte, 2020). Partindo de interpenetrações recíprocas entre arte, filosofia e ciência (arteficiências), a noção de dietética



repousa sobre a ideia de assimilação, de interdependência funcional, de relação de forças em tensão permanente, que concorrem por um estado de potência das vontades (Peixoto Jr., 2010).

No pensamento dietético, o corpo é expressão de uma coletividade mais ou menos regrada, na qual uma determinada instância reina ou toma o poder, e, portanto, exclui, descarta ou escolhe; simplifica, iguala ou traduz, assimilando o necessário à compreensão valorativa da vida, através da seletividade alimentar (Nasser, 2018). O sistema digestivo procede, portanto, assimilando forças: “ele absorve aquilo que é estranho e se esforça para reduzi-lo à sua singularidade, à sua identidade múltipla, diversa e plural” (Nasser, 2018).

Neste sentido, como então não ser arrastado por devires bio-tanatológicos de um pensamento selvagem que afirma a antropofagia e a devora geral das condições que nos constituem? “Só a Antropofagia nos une. Socialmente. Economicamente. Filosoficamente.” “O último a devorar o outro, por favor, apague a luz” (Andrade, 1928). Oswald de Andrade, amoroso e utópico poeta brasileiro, era também, o pensador de uma natureza em processo, que germina e espontaneamente produz.

Tínhamos a relação e a distribuição dos bens físicos, dos bens morais, dos bens dignitários. E sabíamos transpor o mistério e a morte com o auxílio de algumas formas gramaticais. Tínhamos a Política que é a ciência da distribuição. E um sistema social-planetário. [...] A inveja, a usura, a calúnia, o assassinato. Peste dos chamados povos cultos e cristianizados, é contra ela que estamos agindo. Antropófagos. Queremos a Revolução Caraíba. Maior que a Revolução Francesa. A unificação de todas as revoltas eficazes na direção do homem (Andrade, 1928, p. 3).

Talvez seja na ética e na política dos povos da floresta que a moralidade da vida se justifica enquanto prática alimentar e digestiva e, portanto, como nos diz a antropóloga Els Lagrou, “é



preciso reescrever o manifesto antropofágico, com um conhecimento maior de causa, sabendo que você se torna aquilo que ingeriu e que os vetores de força sempre poderão se inverter, transformando a presa em predador potencial e vice-versa” (Lagrou, 2019).

De uma perspectiva filosófica, conforme Alfred North Whitehead, o significado primário da vida é a origem da novidade, o que o autor chama de "novidade de apetição". Isso significa, a princípio, que uma "sociedade viva" é aquela que inclui algumas "ocasiões vivas" que fluem através do “espaço vazio”; mas, ao mesmo tempo, se a vida é para Whitehead um lance para a liberdade, ela é, portanto, o nome para a originalidade e não para a tradição. A característica principal da vida, segundo o autor, é a reação adaptada à captura de intensidade, em uma grande variedade de circunstâncias (Agar, 1936), de modo a combinar intensidade com sobrevivência e estabelecer um problema paradoxal para a natureza: “a construção de sociedades estruturadas altamente complexas necessita de roubo e desconstrução” (Whitehead, 1979).

Mais uma vez com Whitehead, talvez seja também nas teorias contemporâneas de desenvolvimento e envelhecimento, que quando aplicadas ao território da vida, uma característica fundamental de uma "sociedade viva" é reforçada: “ela requer comida” (Whitehead, 1979). Alimentos como sociedades a serem destruídas por outras sociedades; alimento como compensação nas fases inicial e final da ontogênese; alimento como uma interação entre sociedades e ambiente; alimento que, com Whitehead, transforma a vida em um processo de roubo, em necessidade de justificação.

Da mesma forma, as dietéticas de restrição calórica (RC), consideradas como o quase "comer a própria fome" de que falava o poeta Waly Salomão (Salomão, 2014), são processos fundamentais nas teorias de curso de vida e de envelhecimento humano, não apenas pela quantidade de



evidências empíricas que sustentam sua eficiência, mas também por sua base teórica, ontogenética e estética (Green et al., 2011; Anderson; Weindruch, 2012).

Assim, o presente estudo pretende problematizar as relações entre arte, filosofia e ciência, a partir da noção de dietética intensiva, em uma perspectiva ameríndia capaz de “justificar o roubo e a desconstrução”, enquanto necessidade e processo vital.

Arte dietética

Em diversos contextos amazônicos, um vigoroso processo de reinvenção cultural tem ganhado forma, a partir de imbricamentos entre práticas xamânicas e arte contemporânea (Goldstein, Labate, 2017). Alguns ingredientes do diálogo ameríndio com novos “outros” são notáveis nas parcerias e cocriações do artista plástico brasileiro Ernesto Neto com o povo Huni Kuin da Amazônia acreana: rituais de cura, grafismos geométricos, cantos sagrados, relação com a alteridade e incorporação de perspectivas (Goldstein, Labate, 2017).

Ernesto Neto vem reiterando que seu “interesse é trazer os índios para a cena e deixá-los falar. Todo mundo tem um índio dentro de si e não conhece” (Goldstein, Labate, 2017). Em seu projeto de um devir-índio da vida, o artista ressalta que:

“... o mais importante é a vida. Meu trabalho é mais sobre engajar pessoas. Acho que é mais ligado a estar em um tipo de floresta – e uma sociedade pode ser uma floresta... Tento criar um tipo de fantasia da natureza e uma hipótese sobre a estrutura de um corpo... Vejo as coisas muito mais em termos de dentro do meu corpo... a matemática está em toda parte,



quando você começa a fazer crochê... você começa a ser consumido por este fazer” (Lagrou, 2019).

Ao longo de sua trajetória, as obras de Ernesto Neto foram se tornando algo como organismos, com saliências, membranas e revestimentos em estruturas que exalam cheiros, têm orifícios, texturas, reentrâncias; se adaptam e se moldam aos ambientes, como qualquer ser vivo (Pedrosa, 2019). São obras que invocam os vários sentidos do observador, desafiando seu corpo à participação e mesmo à imersão; obras que solicitam a ativação do espectador e que apontam para uma noção de corpo coletivo; obras que alcançam uma dimensão ritual, através de uma série de elementos que, impregnados de caráter simbólico, passam a criar um ambiente propício para processos de cura ao mesmo tempo individuais e coletivos, em referência aos processos históricos de violência e espoliação que impregnam a realidade brasileira (Pedrosa, 2019). Ernesto Neto, contudo, confere uma especial ênfase à dimensão coletiva de suas obras: “elas são, por isso, espaços-tempo para sentar, deitar, respirar, sentir, ver, conversar, debater, meditar, fazer yoga, fazer cerimônias” (Diniz, 2019). De uma perspectiva política, sustenta-se a intenção de curar a violência da história, a partir da atribuição de novos sentidos, usos e relações com os símbolos canônicos da violência social (Diniz, 2019).

De modo semelhante, a arte política Huni Kuin é marcada pela desconstrução das máquinas de captura encarnada nos rituais de cura pela figura de Yube, a grande jiboia. Ao mesmo tempo, essa figura tem se revelado uma máquina afetiva poderosa, capaz de construir alianças em um processo de “outramento” redefinidor das relações de predação (os termos de presa e predador). A mesma arte política Huni Kuin, manifesta nos desenhos kene, age também na experiência de transe dos rituais de cura. As experiências visionárias do transe são importantes eventos cosmopolíticos e podem ser descritos como verdadeiros campos de batalha estéticos entre seres viventes e ancestrais que jogam com imagens e combatem pela afirmação do humano na experiência vivida. Entre “linhas cantadas”, caminhos visualizados, desenhos movediços e



transmutações corporais, a experiência do transe é o primeiro passo para ver é se deixar englobar pelo ponto de vista de Yube (Lagrou, 2019).

Ser engolido por Yube é condição necessária para poder renascer como Yube. A cena sangrenta de ser a vítima de Yube é uma das instâncias de inversão da posição de presa e predador que caracteriza toda a experiência com o cipó. É preciso antes engolir Yube para se tornar visível por ele/a e tornar-se, dessa maneira, um candidato a ser engolido por ela. Somente aqueles que tiveram a experiência de terem sido devorados e expelidos por Yube se tornaram um com ele/a, invertendo os termos da relação entre presa e predador. Ser devorado por Yube é ao mesmo tempo intensamente desejado e terrivelmente temido. A experiência do transe efetua o risco de tornar-se, literalmente, aquilo que se come, a partir da inversão da relação predatória (Lagrou, 2019).

Está montada a armadilha de Neto e dos guerreiros Huni Kuin, um corpo-paisagem, esperando silenciosamente por sua presa a ser gentilmente devorada na suavidade imagética de uma dietética intensiva. “Penetração e fusão são as expressões máximas de intimidade entre os corpos, suas manifestações físicas mais precisas e cabais, e os conceitos fundamentais nas esculturas de Ernesto Neto”, resume Adriano Pedrosa (2011). Ambos os dispositivos, a arte e as armadilhas, agem sobre sua presa, enquanto materializam densas redes relacionais e uma profunda apropriação da perspectiva do Outro. Nas palavras de Ernesto Neto, “Tem na minha obra esta ideia que você foi engolido pela escultura e você, estão dentro de um corpo complexo de relações” (Lagrou, 2019).

Ambas, a arte política Huni Kuin e a estética relacional de Ernesto Neto, constituem um modo de dar forma a ontologias digestórias específicas, inclinando-se na direção da natureza, compreendida menos como uma física das substâncias do que como uma geometria das relações.



É exatamente assim que a experiência dietética acontece: a presa se oferece voluntariamente para o caçador que a espera, a chama, a seduz; na iminência antropofágica do que nos “une socialmente, economicamente, filosoficamente”, nos tornando outros na devora generalizada de uma metafísica canibal (Nitschack, 2016).

Filosofia dietética

Na filosofia de Alfred North Whitehead, a vida é uma característica do "espaço vazio". Conforme o autor, "a vida espreita nos interstícios de cada célula viva", a vida é um processo do "entre", a vida flui através das lacunas dos tecidos biológicos e das estruturas celulares (Whitehead, 1979).

Num nexo de ocasiões vivas, há um certo déficit social. A vida espreita nos interstícios de cada célula viva e nos interstícios do cérebro. Na história de uma sociedade viva, as suas manifestações mais vívidas dirigem-se para a região que recebe do corpo animal uma imensa variedade de experiência física (Whitehead, 1979, p.105).

Para explicar a relação entre nexos, sociedades e vida, Whitehead insiste nas trajetórias traçadas por entidades em vias de atualização. Pode-se considerar, como exemplo tratado pelo autor, a vida de uma célula como uma rota histórica de "entidades atuais", herdeiras umas das outras, constituindo uma "sociedade". Os membros dessa "sociedade" são organizados em uma ordem serial por suas relações genéticas, isto é, eles possuem "ordem pessoal". Mas como no plano conceitual do autor não há sequer uma "sociedade" em completo isolamento, cada "sociedade" só pode ser considerada em conjunto com um ambiente mais amplo de "entidades atuais". As contribuições dadas do ambiente devem pelo menos permitir as condições de auto-sustentabilidade de uma dada sociedade. O contexto deve contribuir com os caracteres mais



gerais que o caráter particular da "sociedade" pressupõe para seus membros. Mas isso significa, contudo, que o ambiente, juntamente com a "sociedade" em questão, precisaria formar uma sociedade ainda mais ampla, em relação a alguns caracteres gerais, para além daqueles que definem a sociedade de partida. Assim, chega-se a um princípio de que toda sociedade requer um contexto social, ou de que sociedade e contexto estão em pressuposição recíproca.

Por exemplo, só se considera uma molécula dentro de uma célula viva, porque suas características moleculares gerais são independentes do ambiente da célula. Assim, uma molécula é uma sociedade subordinada da "sociedade" estruturada a que se chama de célula viva. Mas pode haver outro "nexo" incluído em uma "sociedade" estruturada que, isolado das características sistemáticas gerais do ambiente externo, não apresenta características capazes de sustentá-lo geneticamente, sem o ambiente especial proporcionado por essa "sociedade" estruturada. Recorrendo ao exemplo da célula viva, argumentar-se-á que as ocasiões que compõem o "espaço vazio" dentro da célula apresentam características especiais que ocasiões análogas, fora da célula, são desprovidas. Assim, o "nexo", que é o "espaço vazio" dentro de uma célula viva, é chamado de "nexo subordinado", mas não uma "sociedade subordinada". Para Whitehead, esses serão, portanto, os "nexos inteiramente vivos" dessa sociedade e, na prática, uma "sociedade" é chamada viva apenas quando tais "nexos" são dominantes.

O que é característico de uma sociedade viva é o entrelaçamento de uma estrutura complexa de sociedades inorgânicas, produzindo um nexos não social caracterizado pelas experiências físicas intensas dos seus membros. Mas uma experiência deste teor deriva da ordem complexa do corpo material animal e não da simples "ordem pessoal" das ocasiões passadas, com experiências análogas. A experiência intensa produzida está livre dos entraves provenientes da reiteração do passado. É esta a condição de espontaneidade da reação conceitual. A conclusão a retirar desta argumentação é a de que a vida é uma característica do "espaço vazio" e não do espaço "ocupado" por uma sociedade corpuscular (Whitehead, 1979, p. 105).



Assim, esses "nexos inteiramente vivos", que constituem o "espaço vazio", segundo Whitehead, são onde "ocorrem dissociações químicas e associações". Um lugar onde "a estrutura está sendo quebrada e reparada", continuamente. Um lugar onde, em termos biológicos, os processos metabólicos (ou o metabolismo) estão em curso. Um não-lugar onde, em termos temporais, uma seletividade alimentar inconsciente opera a contra-efetuação dos processos vitais, a partir da indução da própria morte celular.

A seletividade alimentar inconsciente, enquanto experimentação dietética molecular remete enfim à noção de morte celular autofágica, ou a desconstrução orgânica enquanto abertura para a emergência de novos processos vitais. A morte das estruturas celulares, a fragmentação incessante, o roubo de si mesmo, o esvaziamento. É no espaço vazio que se opera o salto vital.

Ciência dietética

... Outra característica de uma sociedade viva é precisar comer. No museu guardam-se, em vitrines, formações cristalinas, mas no jardim zoológico alimentam-se os animais. Se levamos em consideração todas as reações ao meio envolvente, a distinção não é bem absoluta. No entanto, não pode ser ignorada. As formações cristalinas não precisam destruir as sociedades elaboradas que provêm do meio circundante, mas uma sociedade viva precisa. As sociedades que ela destrói são o seu alimento. Este alimento é destruído de alguma forma, pela sua dissolução a elementos sociais mais simples. Há alguma coisa que lhe é roubada. Por isso, todas as sociedades requerem uma certa interação com o meio circundante e, no caso das sociedades vivas, esta interação reveste-se na forma de um roubo. A sociedade viva pode ser ou não uma espécie de organismo superior ao alimento que ela desfaz. Mas seja ou não para o bem comum, a vida é um roubo. É aqui, neste ponto, que se intensifica a moralidade da vida, uma vez que o ladrão precisa ser justificado (Whitehead, 1979, p. 105).



A proposição dietética de Whitehead antecipa uma das observações mais robustas em biologia do envelhecimento: a capacidade de determinados padrões alimentares em atrasar ou prevenir uma série de processos relacionados à idade e prolongar significativamente a vida útil de um organismo (Fontana, Klein, 2007; Speakman, Hambly, 2007; Fontana et al., 2010; Morley et al., 2010; Anderson, Weindruch, 2012). Dentre as práticas dietéticas mais relacionadas à modulação do tempo de vida, a restrição calórica (RC) tem chamado a atenção de cientistas há anos e seus impactos em termos de saúde e expectativa de vida tem sido demonstrados em diversos estudos (Dahlman et al., 2005; Fontana, Klein, 2007; Holloszy, Fontana, 2007; Colman et al., 2009; Cruzen, Colman, 2009; Fontana et al., 2010; Morley et al., 2010; Green et al., 2011; Anderson, Weindruch, 2012).

A RC é um regime alimentar que se baseia na ingestão de baixas calorias (sem desnutrição) e que participa, em uma variedade de espécies, da desaceleração do processo de envelhecimento biológico, resultando em manutenção da saúde e aumento do tempo de vida média (Anderson, Weindruch, 2012).

De uma maneira geral, todas as espécies que embarcaram na máquina do tempo da RC apresentaram uma expansão da duração da vida. Leveduras, protozoários, vermes, moscas, aranhas, pulgas de água, galinhas e roedores viveram mais tempo quando submetidos à RC (Green et al., 2011). Todos modularam o tempo a partir da experiência dietética.

Em Wisconsin (Estados Unidos da América) primatas iniciaram a dieta restritiva na fase adulta, com idade entre 7-14 anos. Isto corresponderia aproximadamente a seres humanos entre 20-40 anos de idade. Com base nas evidências disponíveis, o início da RC durante a idade adulta modulou significativamente a experiência temporal desses animais. A população de macacos mantida no centro de pesquisa reduziu a incidência de óbitos relacionados ao envelhecimento.



Dos animais que não realizaram o regime dietético, 50% sobreviveram em comparação com 80% de sobrevivência dos animais que realizaram RC, ao longo da vida. Além disso, a RC atrasou o aparecimento de doenças associadas à idade. Especificamente, a RC reduziu a incidência de diabetes, câncer, doença cardiovascular e atrofia cerebral (Colman et al., 2009). Expansão do tempo de vida e compressão do aparecimento de enfermidades para os últimos anos de vida são apenas alguns dos efeitos da eliminação de doenças crônicas induzidos pelas dietéticas restritivas.

No mais, as experiências de RC em espécies de mamíferos, bem como em organismos filogeneticamente distantes, sugerem a universalidade do seu impacto ao longo da vida. Considerando a proximidade óbvia entre os primatas de Wisconsin e o ser humano, especula-se que os efeitos benéficos da RC possam também ocorrer em humanos. Esta especulação é apoiada por estudos em humanos submetidos à RC por períodos mais curtos, mas que mostraram uma diminuição dos sinais de envelhecimento cardiovascular (Green et al., 2011). Em alguns estudos, demonstrou-se que a RC promove a perda de peso e melhora vários índices de saúde em seres humanos, ao mesmo tempo em que preserva ou melhora a densidade mineral óssea, a massa magra, a força e a capacidade aeróbica (Fontana, Klein, 2007; Holloszy, Fontana, 2007; Cruzen, Colman, 2009). Por outro lado, evidências científicas também sugerem que a composição da dieta é um fator importante nos efeitos mediados por RC sobre a longevidade (Green et al., 2011). Apesar de inclusivas e fragmentárias, essas evidências científicas são antes de tudo paradoxais e, talvez por isso, seguem sendo atraídas pela proposição dietética whiteheadiana.

As diversas evidências científicas fornecem, portanto, apenas respostas parciais a essa questão. Apesar da enorme quantidade de achados que apoiam o impacto favorável da RC na longevidade (Dahlman et al., 2005; Fontana, Klein, 2007; Holloszy, Fontana, 2007; Colman et al., 2009; Cruzen, Colman, 2009; Fontana et al., 2010; Morley et al., 2010; Green et al., 2011; Anderson, Weindruch, 2012), o acoplamento funcional entre os mecanismos biológicos e os processos temporais subjacentes aos efeitos da RC não é completamente compreendido.



Uma ideia popular é que os efeitos da RC são mediados por caminhos de detecção de nutrientes que avaliam a disponibilidade de vários desses nutrientes, como parte de uma resposta evolutiva à fome. A reprogramação metabólica induzida pela RC poderia ser um evento-chave no mecanismo, se não o próprio acontecimento, de extensão da vida. As melhorias na função metabólica conferidas pela RC, especificamente a melhoria da sensibilidade hormonal (como no caso da insulina), tem sido consistentes e surpreendentes. As características biológicas dos animais expostos a RC incluem numerosas outras alterações no transcriptoma (o conjunto de todas as moléculas de RNA, incluindo RNAm, RNAr, RNAt e outros RNA não codificantes transcritos numa célula ou numa população de células), no metaboloma (conjunto de pequenas moléculas encontradas dentro de uma amostra biológica que pode ser uma célula, uma organela celular, um órgão, um tecido, um extrato de tecido, um biofluido ou um organismo inteiro), e no proteoma (conjunto de proteínas de genoma, célula, tecido ou organismo em determinado momento), bem como aumentos nos hormônios do estresse (corticosterona ou cortisol dependendo da espécie). Embora alguns desses efeitos representem preservação ou restauração a níveis típicos de indivíduos mais jovens (como menores concentrações de insulina e glicose), outros paradoxalmente refletem mudanças que se assemelham ao envelhecimento (como a redução nos níveis de hormônio do crescimento) (Green et al., 2011).

A noção de “hormesis” é também invocada como uma das explicações mais relevantes do mecanismo da RC: “a presença crônica de um estressor de baixa intensidade melhora a capacidade do organismo de sobreviver a um estressor mais intenso, reduzindo a inflamação e regulando os genes envolvidos na proteção celular” (Green et al., 2011). Assim, a “hormesis” poderia ser considerada um mecanismo que explica a otimização do processo metabólico proporcionado pela seletividade em uma dieta de RC. Esta seletividade pode ser inconsciente, quando a redução quantitativa de calorias de uma dieta induz a seletividade bioquímica devido à eliminação de nutrientes; ou consciente, quando há uma seleção ativa de alimentos saudáveis, considerando a influência dos aspectos culturais (Green et al., 2011).



O processo biológico envolvido na seletividade alimentar inconsciente é conhecido como autofagia e é considerado uma das principais explicações para o funcionamento de algumas práticas dietéticas na promoção da saúde e da longevidade (Ntsapi, Loos, 2016).

A autofagia é uma via de degradação de componentes sub-celulares, regulada geneticamente e conservada evolutivamente. A autofagia tem sido reconhecida como uma função essencial para a homeostase celular e para a adaptação a condições de estresse ambiental, incluindo a fome, a depleção de energia, o stress oxidativo e a hipóxia (Anding, Baehrecke, 2017). Além disso, a autofagia desempenha um papel vital nos mecanismos de imunidade, incluindo a resistência a patógenos infecciosos (Ryter et al., 2014; Swart et al., 2016).

É notório observar que o processo autofágico foi previamente classificado como uma forma de morte celular programada, denominada “morte celular autofágica”, de modo a descrever uma forma de morte celular do tipo necrose, ou seja, independente de ação de caspases (uma família de enzimas proteases que desempenham papéis essenciais na morte celular programada e na inflamação) e associada com o acúmulo de autofagossomos (estruturas esféricas com dupla membrana que participam do sistema de degradação intracelular de conteúdos da própria célula). Apesar de ainda não totalmente compreendida, muitos estudos tem apontado para uma relação íntima entre autofagia e os programas de morte celular.

Em resumo, a via da autofagia responde à regulação por status nutricional, o que envolve dietéticas diversas, incluindo a deficiência nutricional, ou fome. Uma vez considerada como relativamente inespecífica, atualmente acredita-se que a autofagia é um processo altamente seletivo no qual mecanismos celulares distintos são empregados para identificar alvos para os autofagossomos (Anding, Baehrecke, 2017).



Paradoxalmente, é pela desconstrução do próprio corpo, e por tornar a morte um acontecimento vital, que a autofagia tem sido associada a processos fundamentais para a sobrevivência celular ao longo do envelhecimento. O que faz com que os programas de morte celular podem ser pensados a partir da nobre missão de prestar um serviço indispensável à vida e, com Whitehead, fazer com que “o ladrão seja justificado” e o processo de roubo abra novas possibilidades para a incursão temporal agenciada pela desconstrução orgânica e operada pela experimentação dietética.

Arteficiências e cocriações

Uma das originalidades mais reconhecidas da filosofia de Alfred North Whitehead é a de recuperar a imagem da natureza como um "organismo vivo". Nessa imagem, a teoria molecular da evolução, surgida da fusão da teoria molecular com a teoria da evolução, aparece como suposta síntese teórica de um novo paradigma científico em biologia (Monod, 2002). Entretanto, o exame de alguns dos principais conceitos da filosofia do autor aponta mais para uma transmutação radical do conceito de vida do que para a formulação de um paradigma teórico alicerçado na ciência contemporânea.

Nesse sentido, a autofagia pode ser apresentada como processo de desconstrução operado no “espaço vazio” whiteheadiano em múltiplas vias dieteticamente induzidas, como no caso da RC, que faz com que a construção (síntese orgânica) opere de modo eficiente na produção de novidades. Ao mesmo tempo, e de modo mais amplo, é a dietética intensiva que é apontada como possibilidade para repensar o vitalismo, a partir das noções de desconstrução, morte celular regulada e seletividade alimentar inconsciente.



Com Whitehead, pode-se antever então que o roubo se torna uma ética antropofágica; a vida torna-se a expressão intensiva do vazio e a dietética coloca em processo a cosmologia de uma natureza germinal. Ao mesmo tempo, é na política enquanto ciência da distribuição que a fome engendra o comer, e o comer reativa as potências de novas corporeidades por vir.

Assim, a interpenetração entre arte, ritual e espiritualidade expressa nas parcerias de Ernesto Neto com o povo Huni Kuin é constitutiva de adornos-remédios-venenos que conferem beleza, conexão e cura, em um ir e vir digestório que reconstitui a vida em suas mais altas potências de transformar e coexistir.

Bibliografia

AGAR, W. E. "Whitehead's Philosophy of Organism an Introduction for Biologists". In: **The Quarterly Review of Biology**, v. 11, n. 1, p. 16-34, 1936.

ANDERSON, R. M.; WEINDRUCH, R." The caloric restriction paradigm: implications for healthy human aging". In: **Am J Hum Biol**, v. 24, n. 2, p. 101-6, Mar-Apr 2012.

ANDING, A. L.; BAEHRECKE, E. H. "Cleaning House: Selective Autophagy of Organelles". In: **Dev Cell**, v. 41, n. 1, p. 10-22, Apr 10 2017.

COLMAN, R. J. et al. "Caloric restriction delays disease onset and mortality in rhesus monkeys". In: **Science**, v. 325, n. 5937, p. 201-4, Jul 10 2009.

CRUZEN, C.; COLMAN, R. J. "Effects of caloric restriction on cardiovascular aging in non-human primates and humans". In: **Clin Geriatr Med**, v.25, p.733-43, ix-x, 2009.

DAHLMAN, I. et al. "Changes in adipose tissue gene expression with energy-restricted diets in obese women". In: **Am J Clin Nutr**, v.81, p.1275-85, 2005.

DE ANDRADE, O. "Manifesto Antropófago". In: **Revista de Antropofagia**, Ano I, No. I, 8 pp, maio de 1928.



DINIZ, C. Aeternidadeaeternidade ou treguasemtrégua: alegorização na obra de Ernesto Neto. In: **Ernesto Neto – Sopro / curadoria Jachen Volz e Valéria Piccoli**. Catálogo da exposição. São Paulo: Pinacoteca de São Paulo 2019.

FONTANA, L.; KLEIN, S. "Aging, adiposity, and calorie restriction". In: **JAMA**, v.297, p.986-94, 2007.

FONTANA, L.; PARTRIDGE, L.; LONGO, V. D. "Extending healthy life span--from yeast to humans". In: **Science**, v.328, p.321-6, 2010.

GREEN, J. L.; SAWAYA, F. J.; DOLLAR, A. L. "The effects of caloric restriction on health and longevity". In: **Curr Treat Options Cardiovasc Med**, v. 13, n. 4, p. 326-34, Aug 2011.

GOLDSTEIN, I.; LABATE, B.C. Encontros artísticos e ayahuasqueiros: reflexões sobre a colaboração entre Ernesto neto e os huni Kuin. **MANA** 23(3): 437-471, 2017 – DOI <http://dx.doi.org/10.1590/1678-49442017v23n3p437>

HOLLOSZY, J. O.; FONTANA, L. "Caloric restriction in humans". In: **Exp Gerontol**, v.42, p.709-12, 2007.

LAGROU, E. No ventre do monstro: Leviathan, Yube e Neto. In: **Ernesto Neto – Sopro / curadoria Jachen Volz e Valéria Piccoli**. Catálogo da exposição. São Paulo: Pinacoteca de São Paulo 2019.

MONOD, J. **O Acaso e a Necessidade - Ensaio sobre a filosofia natural da biologia moderna**. Mem Martins (Portugal): Publicações Europa-América, 131 pp, 2002.

MORLEY, J. E.; CHAHLA, E.; ALKAADE, S. "Antiaging, longevity and calorie restriction". In: **Curr Opin Clin Nutr Metab Care**, v. 13, n. 1, p. 40-5, Jan 2010.

NASSER, E. Filosofia da alimentação e o caminho para a temperança em Nietzsche. In: **Estudos Nietzsche**, Espírito Santo, v.9, n.2, p.9-24, jul./dez. 2018.

NITSCHACK, H. "Antropofagia Cultural y Tecnología". In: **Universum**, v. 31, n. 2, p. 157-171, 2016.

NTSAPI, C.; LOOS, B. "Caloric restriction and the precision-control of autophagy: A strategy for delaying neurodegenerative disease progression". In: **Exp Gerontol**, v. 83, p. 97-111, Oct 2016.

PEDROSA, A. Esculturas íntimas. In: **La lengua de Ernesto. Ernesto Neto – Obras [Works] 1986-2011**. Catálogo da exposição. Monterrey: Museo de Arte Contemporáneo de Monterrey; Faena Arts Center, 2011.



PEIXOTO JUNIOR, C.A. Algumas considerações nietzschianas sobre corpo e saúde. **Interface (Botucatu)** [online]. 2010, vol.14, n.35, pp.727-738. Epub 27-Ago-2010. <https://doi.org/10.1590/S1414-32832010005000020>.

PONTE, C.R.S. Por uma dietética da solidão. **Estudos Nietzsche**, Espírito Santo, v. 11, n. 2, p. 163-181, jul./dez. 2020.

RYTER, S. W.; MIZUMURA, K.; CHOI, A. M. "The impact of autophagy on cell death modalities". In: **Int J Cell Biol**, v. 2014, 12 pp. 2014. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1155/2014/502676>. Acesso em: 04 de setembro de 2017.

SALOMÃO, W. **Poesia Total**. São Paulo: Companhia das Letras, 552 pp, 2014.

SPEAKMAN, J. R.; HAMBLY, C. "Starving for life: what animal studies can and cannot tell us about the use of caloric restriction to prolong human lifespan". In: **J Nutr**, v.137, p.1078-86, 2007.

SWART, C.; DU TOIT, A.; LOOS, B. "Autophagy and the invisible line between life and death". In: **Eur J Cell Biol**, v. 95, n. 12, p. 598-610, Dec 2016.

WHITEHEAD, A. N. **Process and Reality (Gifford Lectures Delivered in the University of Edinburgh During the Session 1927-28)**. New York (USA): Free Press, 413 pp, 1979.

Recebido em: 20/03/2021

Aceito em: 15/04/2021



[1] Médico e Pesquisador do Instituto do Câncer do Estado de São Paulo; Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo; Av. Dr Arnaldo, 251 - 8º Andar; Cerqueira César – São Paulo – SP – Brasil; Cep 01246-000 tel.: 11 3893-3024; e-mail: alessandro.campolina@hc.fm.usp.br